

DIFICULDADES DE LEITURA NO 8º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL: CAUSAS E ESTRATÉGIAS DE INTERVENÇÃO

Yara Fernanda Neves Pontes¹
Orientadora do trabalho: Maria Aparecida dos Santos²

RESUMO

Nesta pesquisa, será abordada a questão das dificuldades de leitura que os estudantes do 8.º ano do ensino fundamental apresentam, mediante as observações feitas em uma escola pública de Rondonópolis-MT, durante o desenvolvimento do Programa de Residência Pedagógica — Subprojeto de Língua Portuguesa. Objetiva-se com esta pesquisa compreender quais os fatores internos e externos da língua que contribuem para a ocorrência dessa problemática em sala de aula e quais as possíveis resoluções. A metodologia utilizada será de base quali-quantitativa realizada por meio da aplicação de um formulário que será disponibilizado à turma, a fim de compreender suas percepções sobre as dificuldades de leitura e também a observação das aulas de língua portuguesa com foco na leitura. Nesta pesquisa, identificaram-se os principais obstáculos enfrentados pelos alunos na prática da leitura e apresentou estratégias de intervenção para auxiliá-los a melhorar suas habilidades de leitor tanto individual quanto em grupos. Ao final do trabalho, foram propostas discussões sobre essa habilidade no ensino de Língua Portuguesa exigida pelo Saeb, como os próprios alunos veem essa exigência e o que pensam ser uma solução aplicável. Como referencial teórico para embasar a análise, utilizou-se FREIRE (2001), CASTLE (2005) e CASTANHEIRA; MACIEL & MARTINS (2009).

Palavras-chave: Ensino-Aprendizagem; Dificuldades de leitura; Língua portuguesa.

INTRODUÇÃO

A leitura é um conteúdo de extrema importância que deve ser explorado por toda a sociedade, desenvolvida principalmente no contexto escolar visando a sua demanda social. Esta habilidade quando bem elaborada possibilita ao ser humano um pensamento crítico e um conhecimento ampliado sobre diversos assuntos por que sintam interesse ou necessidade, fazendo com que o mesmo se capacite de acordo com suas demandas diárias. Conforme Freire,

A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele.

¹Graduanda do Curso de Letras — Língua Portuguesa da Universidade Federal de Rondonópolis — UFR, yara.fernanda@aluno.ufr.edu.br

²Doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo — PUC/SP, maria.aparecida@ufr.edu.br.

Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto. (FREIRE, 2003, p. 11)

Como podemos observar, a prática de leitura é complexa e trabalha com diversos aspectos do estudante, como o seu desempenho na oralidade, sua capacidade de entender e se adaptar aos contextos sociais tanto de fala quanto de escrita, permitindo sua admissão no meio estudantil e no meio trabalhístico. Visando a isso, a leitura necessita estar presente desde o momento em que o estudante adentra a instituição, entendendo que ela serve de alicerce para as outras disciplinas serem assimiladas de maneira coerente, pois “o ato de ler implica na percepção crítica, interpretação e da re-escrita do lido”. (Freire, (2001).

Assim como todo conteúdo aplicado em sala de aula, o ato de ler é gradativo, ou seja, começa do básico e vai evoluindo conforme as exigências de cada período letivo. Nesse processo, é necessário realizar todo o acompanhamento do estudante, para que o mesmo não passe de ano letivo apenas por passar. Ressalvamos que o processo de intervenção é cabível, sendo possível direcionar esse aluno dentro e fora da sala de aula, indicando estratégias que se adéquem, a fim de suprir suas defasagens, pois

Ler é uma operação inteligente, difícil, exigente, mas gratificante. Ninguém lê ou estuda autenticamente se não assume, diante do texto ou do objeto da curiosidade, a forma crítica de ser ou de estar sendo sujeito da curiosidade, sujeito da leitura, sujeito do processo de conhecer em que se acha. Ler é procurar buscar criar a compreensão do lido; daí, entre outros pontos fundamentais, a importância do ensino correto da leitura e da escrita. É que ensinar a ler é engajar-se numa experiência criativa em torno da compreensão. Da compreensão e da comunicação. (FREIRE, 2001, p. 261).

O trabalho com a leitura, apesar de ter como incentivador principal o profissional da educação, precisa do apoio de toda a comunidade escolar, ou seja, os responsáveis pelos estudantes, a gestão escolar e as políticas públicas, de maneira a facilitar para o discente o contato com a leitura, para que livros e textos estejam sempre disponíveis e vistos como a maior fonte de informação e conhecimento. Afirma Paulo Freire que:

Se estudar, para nós, não fosse quase sempre um fardo, se ler não fosse uma obrigação amarga a cumprir, se, pelo contrário, estudar e ler fossem fontes de alegria e de prazer, de que resulta também o indispensável conhecimento com que nos movemos melhor no mundo, teríamos índices melhor reveladores da qualidade de nossa educação. (Freire, 2001, p.267)

Quando a comunidade escolar entende essa dimensão, os resultados alcançados são melhores, tomando outras proporções, podendo modificar relações, pois a leitura é a única

habilidade capaz de reunir todos, por estar na raiz de cada local, com suas histórias, perpassando as disciplinas. Podemos observar na fala de Castle:

Leio para meus filhos não em função das aulas sobre a segunda infância da faculdade (não as tive), ou porque o pediatra tenha nos recomendado isso (ele não o fez), mas porque meu pai lia para mim. Portanto, quando chegou minha vez, eu sabia que havia uma tocha a ser passada de uma geração para outra. (CASTLE, 2005, p. 20).

Devido a todos os benefícios apontados e a necessidade de ter o conhecimento de leitura, era esperado que, nos anos finais do Fundamental II, os estudantes já tenham se adaptado e que saibam ler e interpretar razoavelmente, bem como qualquer texto. Entretanto, nas aulas de observação em uma escola pública, a realidade do 8.º ano se distancia desses resultados, pois muitos apresentam dificuldades em realizar leituras simples, como um conto de uma página apenas, o que se torna preocupante para o ensino básico no Brasil, como é afirmado pela autora MELO (2023):

É um problema vivenciado no Brasil, e precisamos ter um olhar mais crítico a respeito do processo do aprendizado da leitura, naqueles primeiros passos, e o contato direto com o livro, na qual esta realidade poderá mudar de vez sob o aspecto da prática da leitura nas atividades escolares (Nayara, Semana Acadêmica).

Por conseguinte, diante dessa problemática que pede uma quantidade de tempo maior para começar todo o processo que deveria ter sido inserido na creche e no ensino fundamental I, este trabalho planeja entender por que os estudantes se encontram nessa situação, quais os fatores sociais que impedem o desenvolvimento e propor algumas estratégias de ensino que podem ser inseridas e dialogadas com os estudantes, para tornar uma prática tranquila e divertida, retirando um pouco a tensão das exigências dos testes.

METODOLOGIA

Como parte da metodologia, foi realizada uma pesquisa quali quantitativa com uma turma do 8.º ano do ensino fundamental em uma escola plena de período integral, onde nove estudantes da turma participaram ativamente.

No contexto de uma pesquisa quali quantitativa, os dados quantitativos são coletados através de questionários, escalas de avaliação, medições numéricas e outros instrumentos que fornecem informações mensuráveis e quantificáveis. Esses dados são analisados estatisticamente para identificar padrões, relações e tendências.

Por outro lado, os dados qualitativos são coletados através de entrevistas, observações participantes, grupos focais e análise de documentos, buscando compreender os significados, as percepções e as experiências dos participantes da pesquisa. Esses dados são analisados de forma descritiva e interpretativa, identificando temas, categorias e padrões emergentes.

Ao utilizar a pesquisa quantiqualitativa, obtemos uma visão mais abrangente e rica do fenômeno estudado, complementando as limitações e ampliando as descobertas obtidas por cada abordagem individualmente. Isso permite uma melhor compreensão dos aspectos quantitativos e qualitativos do problema de pesquisa, enriquecendo sua análise e conclusões.

É importante destacar que a pesquisa quantiqualitativa requer uma abordagem metodológica cuidadosa, garantindo a integração efetiva dos dados e a validade das conclusões. Além disso, as decisões sobre a coleta de dados e análise devem ser guiadas pela natureza do problema de pesquisa e pelos objetivos do estudo.

A pesquisa ocorreu através da disponibilização de um formulário a fim de identificar como os estudantes lidam com a leitura e quais os enfrentamentos passados na sala de aula que fazem com que muitos desistam, principalmente, da leitura em voz alta. Os dados obtidos foram tabulados e transformados em gráficos para melhor observação das informações.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O resultado obtido demonstrou alguns déficits ao realizar esta atividade que é importante no desenvolvimento do estudante, como é possível observar nos Gráficos a seguir.

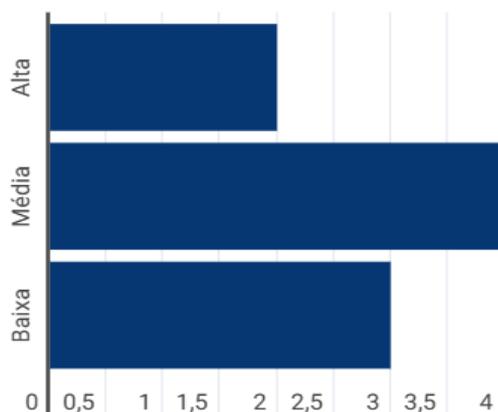
Gráfico 1 – Como os estudantes preferem realizar a leitura



Nesse gráfico, analisamos que muitos dos estudantes têm preferência pelo uso da leitura individual, o que já é um indicativo provável de que algo aconteceu para que o estudante evite a leitura em voz alta e conjunta. Isso pode ocorrer devido à leitura individual permitir que os alunos se concentrem em seu próprio ritmo; oportunizar a escolha do que querem ler e como querem abordar o material; oferecer momento em que eles têm sua própria privacidade e podem se engajar com o conteúdo do livro de forma mais íntima. Alguns alunos podem se sentir mais à vontade para explorar seus próprios pensamentos e emoções durante a leitura quando estão sozinhos. A leitura individual permite que os alunos avaliem seu próprio progresso e entendimento sem a pressão de comparação com os outros. Eles podem parar, reler trechos e refletir sobre aquilo que não compreenderam completamente, sem se sentirem julgados pelos colegas.

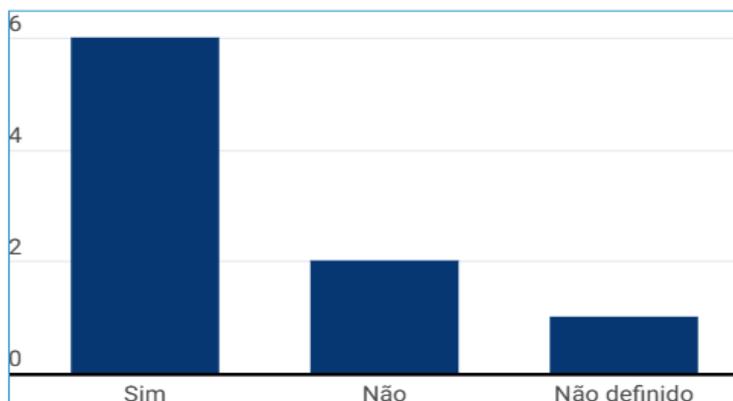
No entanto, vale ressaltar que a leitura em grupo também possui benefícios, como a oportunidade de compartilhar ideias, debater sobre o texto e desenvolver habilidades sociais. É importante equilibrar a leitura individual com atividades de leitura em grupo para aproveitar o melhor de ambos os métodos. Cabe aos educadores promover uma variedade de abordagens de leitura para atender às necessidades e preferências dos alunos.

Gráfico 2 — Com que frequência os estudantes sentem timidez ao ler



Ao analisar o segundo gráfico, nota-se que os estudantes indicam um pouco de timidez, mas que não é tão alta, dando a entender que conseguem praticar o ato da leitura em voz alta sem muitas dificuldades, o que se confronta os dados do gráfico 1 e contradiz a realidade observada em sala de aula. Se existe uma timidez leviana, por que esses alunos ainda preferem a leitura sozinhos?

Gráfico 3 - Apresentam problemáticas ao ler em voz alta -



No terceiro gráfico, há um desencontro ainda maior com o segundo gráfico, visto que 60% dos estudantes afirmaram ter bastante dificuldade ao realizar leituras em voz alta, ressaltando que a timidez na realidade, está, sim, presente e, provavelmente, acompanhada de outros marcadores como o medo, a vergonha, o que também justifica o primeiro gráfico onde os mesmos fazem preferência a leitura individual.

Existem várias razões pelas quais os alunos podem ter dificuldade em ler em voz alta. Aqui estão algumas possíveis causas:

A primeira delas, pode ser a falta de fluência: A leitura em voz alta requer a habilidade de ler de forma fluente e com ritmo. Alunos que ainda não desenvolveram uma fluência adequada podem encontrar dificuldades ao ler em voz alta. Outra causa pode ser o baixo nível de vocabulário: Se os alunos encontram muitas palavras desconhecidas durante a leitura, pode ser difícil para eles decodificar e pronunciar corretamente essas palavras em voz alta. A ansiedade ou falta de confiança também pode ser um fator determinante para a dificuldade de ler em voz alta. Alguns alunos podem se sentir inseguros ou ansiosos ao ler em voz alta, temendo cometer erros ou serem julgados pelos colegas. A falta de prática também pode ser causa para o problema. A leitura em voz alta é uma habilidade que requer prática regular para ser aprimorada. Alunos que não têm oportunidades frequentes de praticar a leitura em voz alta podem ter dificuldades. Os alunos podem apresentar também dificuldades de decodificação, como dislexia, podem ter problemas ao ler em voz alta, pois podem encontrar dificuldades em reconhecer e pronunciar corretamente as palavras. Aliada a todas essas prováveis causas, há os problemas de compreensão, pois os alunos que têm dificuldades em compreender o significado das palavras e textos podem enfrentar desafios ao ler em voz alta, tendo dificuldade em dar a devida entonação e ênfase às palavras e frases corretas.

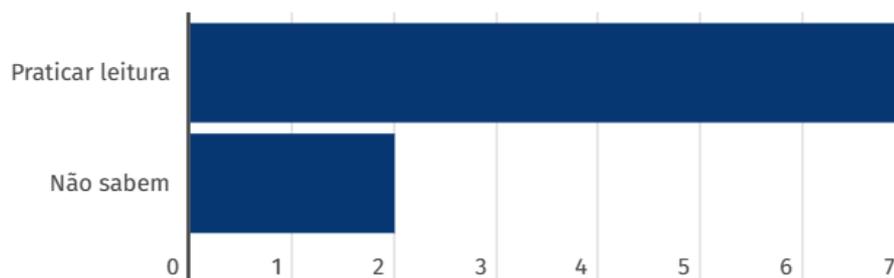
É importante que os educadores identifiquem as possíveis causas das dificuldades dos alunos na leitura em voz alta para que possam oferecer estratégias de apoio e oferecer práticas adequadas para melhorar essa habilidade. O suporte individualizado e uma abordagem positiva e encorajadora também são essenciais para ajudar os alunos a superarem suas dificuldades.

Gráfico 4 - Apresentam medo ou receio ao ler em voz alta



No quarto gráfico, há uma comprovação ainda maior de que os estudantes apresentam dificuldade na leitura em voz por conta desses marcadores, novamente 60%, ou seja, a maioria dos estudantes afirmam que sentem receios ao ler, o que é um alerta a toda comunidade escolar.

Gráfico 5 - Proposta dos estudantes para superar as dificuldades de leitura



Nesse quinto gráfico, percebe-se que 80% dos estudantes, de alguma maneira, entendem e aceitam que há uma dificuldade e propõem uma estratégia de melhoria que se baseia na prática da leitura.

Gráfico 6 - Quantidade de estudantes que tiveram algum incentivo à leitura



No sexto gráfico, é notável uma das justificativas sociais que podem ter levado os alunos às respostas dadas nos gráficos 1, 3, e 4. Apesar de 40% afirmarem ter incentivo que em sua maioria foi dado por algum professor(a), existem outros 50% que foram de alguma forma esquecidos e até apagados do sistema educacional, pois não receberam nenhuma atenção quanto a isso mesmo sabendo da importância, sendo, portanto, alunos que apenas passaram pela escola, e passar não é viver ou aprender.

Como é possível analisar, conforme as perguntas dos gráficos se aprofundaram, começou-se a entender o motivo da escolha pela leitura individual. Na análise dos gráficos é possível identificar diversas incoerências, o que também sinaliza que muitos alunos sentem vergonha de admitir que têm alguma dificuldade. Essa situação faz com que o estudante se afaste e ignore a leitura, o que dificulta a aprendizagem, e, por isso, muitos discentes, ao chegarem nos últimos anos escolares, apresentam tantas defasagens em ler e compreender o que se pede, por ser onde o estudante está mais exposto pelas exigências das apresentações das mais variadas disciplinas.

Além dos gráficos, ao realizar as observações na sala de aula, essa problemática é perceptível: demonstram medo de serem chamados para ler e há a recusa imediata quando são solicitados. Para exemplificação, na aula do dia 06 de outubro de 2023, foi exigida da turma do 8.º ano uma rápida apresentação sobre o livro que os mesmos escolheram na biblioteca da escola, conforme os seus gostos. A reação foi automática, todos de cabeça baixa, um indicando o outro e se negando a ir levando, assim, um certo tempo para se sentirem confiantes e participar.

Um ponto que deve ser destacado com bastante atenção é o gráfico 5º que ao levar para a prática de observação consegue-se analisar uma nova dicotomia pois apesar de eles apontarem a prática de leitura como uma estratégia, na observação realizada em sala, os alunos não gostam

e fora de casa eles se justificam com jogos e outras coisas. Esta incoerência é importante ser notada, pois é através disso que sabemos que está faltando o apoio social e estudos mais aprofundados sobre estratégias de ensino de leitura.

Partindo do princípio da dificuldade que os estudantes apresentaram tanto pelo formulário quanto nas aulas de observação perante as leituras propostas em sala de aula, faz-se necessário o pensar criticamente sobre quais estratégias podem ser empregadas para cada turma, analisando individualmente cada estudante, e planejando um modelo de ensino de leitura.

Bom, como o 8.º ano é o foco desta pesquisa e o mesmo advém de uma escola integral, onde existe uma carga horária específica para esta matéria, os professores podem analisar maneiras diversas de aplicar a leitura. Uma das estratégias que, está sendo implementada com os estudantes para melhorar a habilidade de leitura, são os livros opcionais, em que cada estudante retira um livro preferido na biblioteca e recebe um tempo de leitura e preparo para relatar o que percebeu nas histórias, fatos importantes, de maneira a tranquilizá-los primeiramente, fazê-los ter o contato com o livro, criar certa intimidade para que se torne costumeiro, prazeroso e depois treine sua capacidade de oralizar.

Alguns métodos que a instituição escolar também pode fornecer são os grupos de leitura em horário de aula ou nos intervalos, o que for mais adequado para todos. Isso foi, portanto, acordado, permitindo que os estudantes adentrem cada vez mais nos livros, um dos primeiros passos para se ter a prática de leitura, para a pessoa ter contato primeiramente com o que gosta para depois conseguir ler um pouco de tudo, e, ao fazer as rodas, vai se perdendo a timidez do falar em voz alta, gerando confiança para esse aluno e preparando-o melhor.

Outra forma que seria adaptável, na verdade, que poderia ser uma continuidade, uma evolução dos grupos, são as Tertúlias Literárias Dialógicas. Nelas, se têm livros clássicos mais densos, e o trabalho já envolve a leitura de destaque, que são partes do livro que o estudante pode e deve ler em voz alta, o que vai conduzi-lo ao aprimoramento. Esse modelo vai além da leitura, e oportuniza um sistema igualitário de falas, disciplinando o aluno em diversos aspectos sociais, evitando constrangimentos entre a turma, auxiliando na maior problemática diagnosticada pelos gráficos, a vergonha de cometer erros.

Apesar dessa pesquisa estar voltada apenas para uma turma, essas estratégias são adequadas a outras turmas e outros anos letivos, pensando que a prática de leitura além de importante é obrigatória por ser o primeiro conteúdo cobrado pelo SAEB e outras provas. Essa prática é um assunto que necessita ser implementado e aderido conforme a realidade dos alunos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho enfatizou a importância de incentivar o aluno na prática de leitura dentro e fora da sala de aula de maneira que os estudantes possam desenvolver essa prática, visto que a mesma abrange a melhora na oralidade, na gramática normativa exigida em qualquer área, seja ela estudantil ou trabalhista e também amplie os conhecimentos, auxiliando no aumento do índice cobrado pela instituição escolar. Como expressam Castanheira, Maciel & Martins,

É importante que o professor, consciente de que o acesso ao mundo da escrita é em grande parte responsabilidade da escola, conceba a alfabetização e o letramento como fenômenos complexos e perceba que são múltiplas as possibilidades de uso da leitura e da escrita na sociedade. CASTANHEIRA; MACIEL E MARTINS (2009, P. 15).

É fundamental salientar que deve ser de conhecimento público estas ocorrências com o ensino de leitura, pois somente assim se pode debater o assunto, realizar comissões de maneira a melhorar essas estatísticas. O trabalho com a leitura é dinâmico, contínuo e se deve ter uma enorme atenção dos profissionais para nenhum aluno passar despercebido, sendo assim todos contemplados.

É importante afirmar, também, que os educadores devem identificar as possíveis causas das dificuldades dos alunos na leitura em voz alta para que possam oferecer estratégias de apoio e oferecer práticas adequadas para melhorar essa habilidade. O suporte individualizado e uma abordagem positiva e encorajadora também são essenciais para ajudar os alunos a superarem suas dificuldades.

Ressalvo ainda a necessidade do mantimento das bibliotecas nas escolas com a disponibilização de livros clássicos e também de livros diversificados, mais divertidos para instigar o começo da leitura, que sejam conforme a idade e a preferência dos alunos e de gêneros variados. Além disso, é importante que os alunos conheçam a biblioteca e tenham livre acesso a ela e, quando possível, que os docentes façam esse movimento de ir com os estudantes, ministrar uma aula ali, até mesmo para permitir um ambiente informal e de trocas de conhecimento.

Tencionando as exigências do Sistema de Avaliação da Educação Básica (Saeb), o alto nível de cobrança nas provas com o pouco tempo (em alguns casos nenhum) para o desenvolvimento da habilidade não facilita o processo da aprendizagem. Isso faz com que o estudante assimile que não irá conseguir e desista e não procure aprender. Além disso, é isto

que continua sendo ponto de reclamação tanto para os alunos quanto para os professores. Os docentes se desgastam, tentando aplicar um conteúdo que para os estudantes que não têm muito sentido, pois não há uma explicação clara do órgão que solicita a aplicação.

Conclui-se com esta pesquisa que existem muitos meandros que necessitam ser explorados, pois a leitura é algo que rege o nosso cotidiano, e que quando bem articulada transforma e modifica vidas. Souza (2009) confirma esta ideia ao dizer “O ensino e a promoção da leitura, compreendida como algo mais que a alfabetização, têm mobilizado atenção e esforços de diversas forças sociais, entre educadores, agentes sociais e lideranças políticas”.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à coordenadora do programa Residência Pedagógica — Subprojeto Língua Portuguesa, Dr.^a Maria Aparecida dos Santos, pela oportunidade e apoio na publicação do deste artigo no IX ENALIC.

Agradeço, também, ao preceptor do programa Residência Pedagógica — Subprojeto Língua Portuguesa, M.e. Joémerson de Oliveira Sales pela orientação, incentivo e auxílio no decorrer da pesquisa.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Anísio Teixeira (Inep). **Saeb 2001: novas perspectivas**. Brasília, DF: Inep, 2002. Disponível em: <<http://download.inep.gov.br/download/>>. Acesso em 18 de sept. de 2023.

CASTANHEIRA, M.L.; MACIEL, F. I. P.; MARTINS, R. M. F. **Alfabetização e Letramento na Sala de Aula**. 2.º ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

CASTLE, Marieta. Ler e reler o mundo – Pátio, revista pedagógica. ArtMed. Fev/abril – 2005.

FREIRE, Paulo. **A Importância do Ato de ler**: resumo do Livro. Pedagogia ao Pé da Letra, 2013. Disponível em: <<https://pedagogiaaopedaletra.com/paulo-freire-a-importancia-do-ato-de-ler/>>. Acesso em: 18 de sept. de 2023.

FREIRE, Paulo. **Política e Educação**. 8.ª ed. V. 1. Ed. Villa das Letras. São Paulo. 2007. p. 29, 47–59.

MELO, Jessika Nayara do Amaral. **A Importância da prática de leitura**. Disponível em: <https://semanaacademica.org.br/system/files/artigos/a_importanca_da_pratica_da_leitura-artigo.pdf>. Acesso em: 18 de sept. de 2023.

SOUZA, Renata Junqueira de. **Biblioteca Escolar e Práticas Educativas: O Mediador em Formação**. Campinas: Mercado das Letras, 2009.